

# VII RESUMO DE ARTE / UM PANORAMA ESSENCIAL

WALMIR AYALA

Inaugura-se hoje, no Museu de Arte Moderna, às 18h, o Resumo de Arte do JORNAL DO BRASIL. Resumo, isto é, reunião do que é essencial, tomando-se como material as artes plásticas do ano, através das exposições individuais de artistas nacionais. Com este material em vista, os críticos de arte votam naqueles nomes que lhes parecem os mais significativos no panorama do ano anterior. Feito um levantamento destes votos, os 10 mais votados passam a integrar a coletiva que tem o nome de Resumo. O número de 10 não é rígido. Pode acontecer, e tem acontecido, que dois ou mais artistas empatem na colocação que seria a do décimo lugar na votação, então estes artistas são todos incluídos, ampliando o número para 11, 12, 13, etc.

Este ano, a mostra Resumo, que é a sétima desde o lançamento da promoção, reúne 13 artistas, dos quais nos ocuparemos adiante: Ana Letícia, gravura; Darcílio Lima, desenho; Darel, desenho; Fayga Ostrower, gravura; Farnese, desenho; Hélio Eichbauer, cenografia; Ione Saldanha, pintura; Ivã Freitas, pintura; Ivã Serpa, pintura; José Lima, gravura; Krajcberg, gravura e relêvo; Lígia Clark, arte sensorial, objeto penetrável; Samson Flexor, pintura.

Os críticos que escolheram estes nomes foram: Antônio Bento, Carmen Portinho, Clarival do Prado Valadares, Edila Mangabeira Unger, Frederico Moraes, Jacob Klintowitz; José Roberto Teixeira Leite, Marc Berkowitz, Mário Barata, Roberto Pontual, Vera Pedrosa e Walmir Ayala.

## ANA LETÍCIA

Ana Letícia nasceu em Teresópolis, estudou gravura no Instituto de Belas-Artes do Rio de Janeiro. Conquistou vários e importantes prêmios: Viagem ao País e Viagem ao Estrangeiro, no Salão Nacional de Arte Moderna; Prêmio Leirner de Gravura; Primeiro Prêmio de Gravura no Salão de Belo Horizonte; Medalha de Ouro no Salão do Paraná; Primeiro Prêmio de Gravura no Salão Pan-Americano de Cuba; Prêmio dos Jovens Artistas na Bienal de Paris; Sala Especial na última Bienal de Paris (1967), na qual conquistou o Prêmio Malarraux. Representou o Brasil nas Bienais de Lugano, Veneza, México e Paris.

Professora Honorária da Escola de Arte da Universidade do Chile e professora de gravura em metal do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, expôs individualmente no Brasil, no Uruguai, no Chile, na Alemanha e na Itália. A gravura em metal teve em Ana Letícia uma fiel e progressista cultora. Partindo de imagens da natureza, formigas, cebolas, pássaros, raízes, chegou às caixas, volutas, relevos. Desfigurou seus temas até atingir um estágio baseado mais na emoção da ordem visual do que na literatura ou no preciosismo da textura. Hoje Ana Letícia nos apresenta, em suas gravuras, uma proposta nova da cor e da composição, organizando as chapas recortadas em função de uma nova pesquisa do espaço.

## DARCÍLIO LIMA

Darcílio Lima nasceu na cidade de Cascavel, no Ceará. Aos 14 anos transferiu residência para o Rio de Janeiro. Aos 15 anos trabalhou com guache e aos 20 anos experimentou o óleo. Até que o encontro com Ivã Serpa, e o reconhecimento de Mário Pedrosa que apresentou sua primeira exposição, colocou-o em lugar de destaque no panorama da jovem arte brasileira.

Darcílio é um exemplo vivo da obstinação de criar, da disciplina técnica, único caminho para conduzir o artista a um lugar sólido. Os membros com raízes aéreas, os sexos desmistificados,

os monstros partindo das entranhas, tudo conduz a uma visão épica do erotismo crítico que é a expressão do desenho de Darcílio Lima. Esta experiência se configura num desenho fluente, numa heráldica venenosa que é toda a tradição de denúncia do artista. Sua obra está nitidamente situada no campo do surrealismo com incursões por uma temática do erótico, que não é um exercício do erotismo, mas uma interpretação do mundo subjetivo liderado pela libido, em cuja semântica Darcílio traduz toda uma consciência atormentada e solitária. Darcílio teve um ano meteórico dentro de sua carreira apenas iniciada. Em 1968 expôs individualmente pela primeira vez, obteve votação para integrar a mostra Resumo, entre os melhores artistas do ano, e obteve isenção de juri no Salão Nacional de Arte Moderna.

## DAREL VALENÇA LINS

Darel Valença Lins nasceu em Palmares, no Estado de Pernambuco. Frequentou a partir de 1941 a Escola de Belas-Artes do Recife. Em 1948, no Rio de Janeiro, estudou gravura no Liceu de Artes e Ofícios. Conheceu Goeldi. Conquistou o prêmio de melhor desenhista nacional na Bienal de São Paulo em 1963; prêmios de viagem ao país e ao estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna.

Leccionou litografia na Escola Nacional de Belas-Artes, conquistou o prêmio Parkes do IBEU em 1950, prêmio de Gravura no Museu de Arte Moderna do Recife. Paisagens foi especialmente o tema da exposição com que foi selecionado para o Resumo de Arte, paisagens com máquinas, máquinas fantásticas em regiões absurdas, como define o próprio artista. Trata-se de desenho sobre tela, fundo de música erudita.

Primeiro o registro feito com palito de fósforo, com óleo diluído em terebintina. Nada previsto, apenas o gesto conduzido pela emoção plástica. Com a caneta vai completar o primeiro registro. Depois a cor, respeitando sempre que possível o branco. Pinceladas largas de tinta diluída. A fase atual de Darel é clara, espacosa e construtiva. Apesar da máquina, o homem está coletivo em suas paisagens e já delibera, com certos pássaros também novos e irreais, o destino da relação e do futuro.

## FAYGA OSTROWER

Fayga Ostrower nasceu na Polônia, residindo desde muito jovem no Brasil. Naturalizou-se brasileira. Em 1958 conquistou o Grande Prêmio de Gravura da Bienal de Veneza, confirmando a categoria internacional da nossa gravura já em pleno florescimento. Havia conquistado antes o prêmio de melhor gravador nacional na Bienal de São Paulo. Fayga foi selecionada para Resumo pela exposição que fez, no Museu de Arte Moderna, das gravuras executadas para o Palácio dos Arcos, em Brasília. Sobre este trabalho disse: "Imprimi à mão, no velho processo chinês da esfrega. Com a prensa eu não conseguia essa qualidade de impressão. Preocupe-me em não perder nada das transparências, a delicadeza de transições. Situei como equilíbrio o momento de climax para que irradiasse por toda a área e nenhum efeito viesse por si, mas fosse uma consequência."

A técnica dessas gravuras, chamada xilografia, utiliza a matriz de madeira gravada, depois entintada, sobre a qual o papel vai buscar o registro da imagem. Fayga executou, para chegar às sete gravuras finais deste painel, 38 chapas em cór, 150 estudos, milhares de cópias e nove meses de trabalho intenso. Em tudo isto transparece a profunda sensibilidade, a cultura transformada em vida, numa vida que se resolve, como poucas, na luta de arrancar do nada uma nova matéria de comunicação visual.

## FARNESE DE ANDRADE

Farnese nasceu em Minas Gerais. Estudos de desenho e gravura em Belo Horizonte e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Isento de juri do Salão Nacional de Arte Moderna desde 1962, tendo conquistado este ano o Prêmio de Viagem ao País. Grande Prêmio de Desenho do Salão Nacional do Distrito Federal, em Brasília, em 1966. Primeiro Prêmio de Desenho no Salão Nacional de Ouro Preto, Prêmio na IX Bienal de São Paulo, participa do Festival de Arte de Cali, na Colômbia, e integra a representação brasileira na última Bienal de Veneza, em 1968.

Os chamados desenhos obsessivos, com que foi selecionado para o Resumo de Arte deste ano, nasceram num período de insônia do artista em 1965. No início, estes desenhos não pretendiam ser mais do que uma espécie de terapêutica para chamar o sono, diz Farnese. Os primeiros em pequenas espirais e o traço desenvolvendo-se numa trama barrocá. Nesta fase, que também poderíamos chamar de genética, foi-se introduzindo a cor para acentuar a sugestão de coisa orgânica. Seu desenho, testemunha sobre a máquina da vida, começou como terapêutica contra a insônia, depois foi tentativa de retorno ao interior celular na recusa da massificação ou gigantismo de nossa época.

## HÉLIO EICHBAUER

Hélio Eichbauer nasceu no Rio de Janeiro. Desde cedo praticou o desenho e a pintura. Quando jovem montou um teatro de marionetes para o qual executou os bonecos e os cenários. Estudou desenho em 1957 no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Começou um curso de Filosofia, que acabou deixando para dedicar-se ao teatro. Com o intuito de um aprofundamento em cenografia, foi para a Tcheco-Eslováquia, em 1963, permanecendo lá três anos, como estagiário do Teatro da Ópera Nacional de Praga, sob a orientação do grande arquiteto e cenógrafo Josef Svoboda. Fazendo este curso de nível universitário, Hélio Eichbauer ligava a cenografia não às artes decorativas, mas à arquitetura, uma vez que a cenografia é a construção de um ambiente. A cenografia, na opinião de Hélio Eichbauer, é uma arte que deve ser ensinada, que precisa de tempo e de trabalho para ser assimilada. A cenografia é como um ser vivo, sujeito a todas as transformações. A cenografia de Hélio Eichbauer tem um caráter orgânico, móvel e dinâmico, transformando-se na medida em que o espetáculo se desenvolve, é uma tarefa que deve ser cumprida em comunhão direta com o diretor de cena.

## IONE SALDANHA

Ione Saldanha nasceu no Rio Grande do Sul. Sua obra de pintura vem evoluindo com muita coerência, sempre dentro de um sentido de pesquisa que foi a surpresa entre as exposições do ano de 1968. Rompendo com o suporte tradicional, Ione passou sua pintura para a superfície de bambus e ripas. Esta experiência de hoje tem raízes na infância, uma guarda-roupa de seu pai cheio de garbinas encostadas. Depois Ione pintou cidades imaginárias com reflexos que reproduziam finas construções coloridas, até as modulações de azul, sempre sugerindo verticais que se multiplicavam. Antes, muito antes, Ione pintou lampião a querosene, objeto certo de sua mitologia íntima, de sua vivência no interior.

Suas ripas, bambus, seus perfis modulados de hoje, participam da simplificação daqueles lampiões, de sua geometrização que nada perdeu do dramatismo e calor do símbolo de iluminação primitiva. As ripas de Ione lembram trombetas rompendo a aventura da selva, consciência de tribo, são agressivas, ativas, lanças como estandartes, grito de júbilo, fusão do inexpressivo instrumento de guerra de nossos nativos com o luxo de seus pássaros e papagaios e serpentes. A aparente doçura de Ione Saldanha hoje se mostra heróica como a cavalgada das amazonas que um dia os poetas sonharam ter surpreendido na intimidade da luta e da liturgia.

## IVÃ FREITAS

Ivã Freitas nasceu em João Pessoa, na Paraíba. Autodidata, expôs pela primeira vez em sua terra natal em 1957. Participou do Salão Nacional de Arte Moderna e da Bienal de São Paulo. Expôs individualmente no Museu de Arte Moderna da Bahia; na Galeria La Cavana, Trieste; na Galeria Barcinski, no Rio. Expõe ainda em Nápoles, Buenos Aires, Valparaíso e Santiago do Chile. Integra a representação brasileira para a III Bienal de Paris. Participa em 1963 do Resumo do JORNAL DO BRASIL e da grande coletiva em Madri intitulada Arte de América e Espanha.

Integra em 1964 exposição de pintores brasileiros em Londres. Expõe anualmente no Rio de Janeiro e participa em 1968 do Salão Esso para Artistas Jovens no Museu de Arte Moderna. Sua pintura é hoje, para nós, uma raridade absoluta, por não se preocupar com nenhum dado decorativo, mas por ser insistentemente uma captação das várias possibilidades de mundos, naturezas e linguagens desdobradas num éter, que antes era para nós apenas um escudo negro chamado infinito. Ivã Freitas está atento a este enigmático transistor, sente a pressão dessas atmosferas pesadas de desconhecido, a paixonou-se pela máquina do homem que atravessa espaços e matérias, para uma comunicação urgente ou uma conquista a longo prazo. No momento sua pintura representa a América do Sul, numa exposição internacional organizada pela International Telephone and Telegraph, em Nova Iorque.

## IVÃ SERPA

Ivã Serpa nasceu no Rio de Janeiro. Estudou pintura, desenho e gravura com Axel Leskóchek, pintor e gravador austriaco que, forçado do nazismo, viveu no Rio de Janeiro na década de 30. Tem participado de várias Bienais Nacionais de Arte Moderna, onde conquistou Prêmio de Viagem ao Estrangeiro. Participou várias vezes da Bienal de São Paulo. Fez várias exposições coletivas e individuais no estrangeiro. No Museu de Arte Moderna expôs individualmente em 1961 e apresentou uma retrospectiva em 1965.

Expôs desenho individualmente no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, em 1965, e participou da coletiva de pintores sul-americanos no Guggenheim Museum de Nova Iorque neste mesmo ano. Na exposição pela qual foi selecionado para Resumo 69, Ivã Serpa apresentou pintura na linha do abstracionismo geométrico e desenho erótico. Num e noutro ressalta a perfeita execução, o domínio de uma ordem matemática dos recursos plásticos, resultando numa comunicação visual de grande eficiência e beleza.

Seu abstracionismo geométrico, de caráter ótico, emana um certo lirismo, uma sugestão de certas curvas da nossa arquitetura colonial, um esplendor tropical e ingênuo que fez com que a crítica o aproximasse de experiências de Tarsila e Volpi. É, pelo menos, a mesma simplicidade de aproximação da nossa realidade. Os desenhos eróticos, por sua vez, num virtuosismo de ponto e linha, reconstituem uma exemplar atmosfera de solidão, em que a carne, desfigurada, se reforma numa fusão ininterrupta de amar. Ivã Serpa é não só nosso pintor mais inquieto e rico de formas e caminhos, como o mestre maior de arte, de cujas mãos, grande parte da geração dos novos artistas recebeu modelagem, exemplo e sabedoria.

## JOSÉ LIMA

José Lima nasceu no Rio de Janeiro. Seu aprendizado de gravura começou em 1955, no L.

ceu de Artes e Ofícios. Estudou nesta época gravura em metal com Orlando da Silva. Sua temática era então surrealista. Em 1958 foi estudar com Ivã Serpa, naquela época cismou de ser pintor. Serpa viu suas gravuras e convenceu-o a voltar a elas. Em 1959 foi estudar gravura no Atelier do Museu de Arte Moderna tendo Friedlander como professor. Sua gravura, então de tendência concretista, encaminhou-se para uma fase abstrata por influência do momento. Em 1958 foi premiado no Salão Nacional de Arte Moderna e expôs na Piccola Galeria.

De 1964 a 1966 passa por um período de crise. Não encontra saída para um abstracionismo que lhe parecia acadêmico. De 1966 em diante pesquisa novos relacionamentos com a chapa, na base do recorte e do relêvo. Tirou a cór. Com esta pesquisa conquistou um prêmio no Salão de Abril. Premido pela falta de tempo aderiu à organização da matriz na base de colagem de arruelas, o que substituiu a gravação, as mordeduras do ácido, etc. Foi a fase das arruelas e do chamado grão de café, já enveredando por uma figuração de conotação erótica. Com esta fase compareceu ao Salão Nacional de Arte Moderna em 1968, e expôs na Galeria Tenreiro, merecendo o número de votos da crítica para participar do Resumo de Arte deste ano. O erotismo em suas gravuras é de tal forma racionalizada que as posições, ou posturas são apenas modelos friamente transpostos, nenhuma exploração emotiva. Disciplina pelo concretismo, este artista manteve o caráter de permanente economia de linguagem. Daí a filigragem que elevou o erotismo a um plano de tese, de jogo primordialmente visual. José Lima tem-se afirmado como professor de gravura, dando vários cursos no País, atualmente lecionando no Atelier Livre de Arte de Maria de Lourdes Novais e com um convite para dar um curso de gravura na África.

## FRANS KRAJCBERG

Nascido na Polônia, naturalizado brasileiro, Frans Krajcberg já andou por todo o Brasil, morou no Paraná e em Minas Gerais, é cidadão carioca e mineiro por opção. Reside atualmente em Paris. No Brasil participou de bienais, expôs no Paraná e no Rio. Em Paris organizou várias exposições de artistas brasileiros. Krajcberg é um pioneiro da gravura em relêvo em nosso tempo. É neste salto para a terceira dimensão, transcendendo os limites da moldura, inventando a sombra e dando-lhe matéria, pesquisando novas formas, entusiasmamentos, verdadeiras maquetes do mundo original, que se vem confirmando como um raro e humanizante reconstrutor da natureza.

As pedras, as terras, os troncos, as madeiras retorcidas que as matas guardam em sua secreta sombra vêm constituindo há muito tempo os motivos com que Krajcberg organiza estruturas. Daí sua brasilidade, sua fidelidade à terra, às madeiras, às pedras brasileiras. Mesmo depois de sua última transferência para Paris, em 1958, vem quase que anualmente ao Brasil para se abastecer de material nosso, terra para fazer pigmentos novos, formas para esculturas, tendo passado das cores fulgurantes para o branco que sempre o apaixonou e ultimamente para a cor natural da madeira. Recomendamos, para complementar sua participação na mostra Resumo, uma visita ao painel que construiu no saguão do prédio da revista Manchete.

## LÍGIA CLARK

Lígia Clark nasceu em Minas Gerais. Reside atualmente na Europa, tendo participado cor-sala especial na última Bienal de Veneza. Na palavra do crítico francês Pierre Restany, a obra de Lígia Clark é uma "lição de vida". Lígia Clark participou do movimento neoconcreto. Em 1965 expôs uma retrospectiva em Londres. Desde a fusão da moldura com o quadro, em 1954, passando pelo quadro-objeto e chegando ao primeiro momento de participação sensorial com o público através dos bichos, Lígia Clark viveu um caminho coerente e progressivo de pesquisa. Em 1966 tentou a objetivação das reações físicas, depois a redescoberta do sentido puro dos gestos e do tato, por fim uma tentativa de revisão do cor-

po-casa, até a proposta sensorial do Labirinto exposto em 1968, no Museu de Arte Moderna, e pelo qual foi votada para o Resumo.

Entrando firme na edição dos múltiplos de suas máscaras, bichos, luvas, Lígia experimenta atualmente os mercados da Alemanha e da Inglaterra, onde este tipo de experiência tem aceitação e consumo. Enquanto isto as publicações de vanguarda europeias dedicam-lhe espaços especiais. O que lhe garante uma sobrevivência em nosso tempo é esta incessante transformação perante o que se convencionaria chamar de obra de arte. Nós enterramos a obra de arte, diz ela — e parte para uma instigação da redescoberta dos sentidos, da ação do espectador criando seu momento de beleza viva e divorciada de qualquer perenidade. É a total negação do conceito estático em favor da ação participante.

## SAMSON FLEXOR

Samson Flexor nasceu na Romênia e naturalizou-se brasileiro. Curso Belas-Artes em Bruxelas e Paris. Frequentou a Academia Ranson, estudou com Bissière. Frequentou os ateliers de Leger, Lhote, Grommaire, e outros. Radicou-se em São Paulo desde 1948. Tem exposto em Paris, Bruxelas, interior da França, Nova Iorque, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia. Foi um dos fundadores e dirigentes do Salon des Surindépendants em Paris. Tomou parte em grandes certames internacionais com L'Art Français, 1937; Artistes de la Résistance, 1945; Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1948; em todas as bienais de São Paulo e na XXVII Bienal de Veneza. Num período de quase 20 anos de pintura sucederam-se quatro fases na obra de Samson Flexor: a primeira, de 1949 a 1951, sucessora do cubismo; a segunda, abstrata, de 1951 a 1957; a terceira, gestual; a última, de formas monumentais.

É considerado um dos pioneiros da pintura abstrata na América do Sul. Especialmente nos sua linguagem de tal forma se depura, se concretiza, que podemos ler através dela toda a problemática do homem contemporâneo pesquisando suas raízes últimas, em busca de um novo sentido para a vida. A máquina surda e apaixonante da vida, o movimento visceral, as entranhas convulsionadas, o laboratório real através do qual nos vamos consumindo, e a partir do qual liberamos os sonhos mais essenciais.

## OSVALDO GOELDI

Segundo a sua tradição, o Resumo de Arte homenageará este ano o gravador Osvaldo Goeldi, falecido no Rio de Janeiro em 1961. No momento em que a nossa gravura atinge sua maioridade, em que se expande pelo estrangeiro e arregimenta um grupo disciplinado de artistas que enriquecem a linguagem plástica contemporânea com uma pesquisa consciente, nada mais certo do que lembrar ainda uma vez o exemplo de Goeldi, pela sua vida e pela sua obra.

Nascido no Rio de Janeiro em 1895, foi com a família aos seis anos para a Suíça, onde estudou e realizou sua primeira individual. Recebeu em 1951 o prêmio de melhor gravador nacional na I Bienal de São Paulo, e em 1960 o Primeiro Prêmio de Gravura da II Bienal Internacional do México. Foi ilustrador e professor de xilografia na Escola Nacional de Belas-Artes. Pioneiro da gravura em madeira no Brasil, sua influência sobre os jovens foi decisiva e benéfica. Seu mundo expressionista e cheio de solidão era a genuína linguagem de um artista disciplinado e modesto. Chamado o pai da gravura brasileira, disseminou seu dirigismo e da forma a mais espontânea uma verdadeira escola de gravura. Impôs-se pela qualidade do seu trabalho e da sua vida.